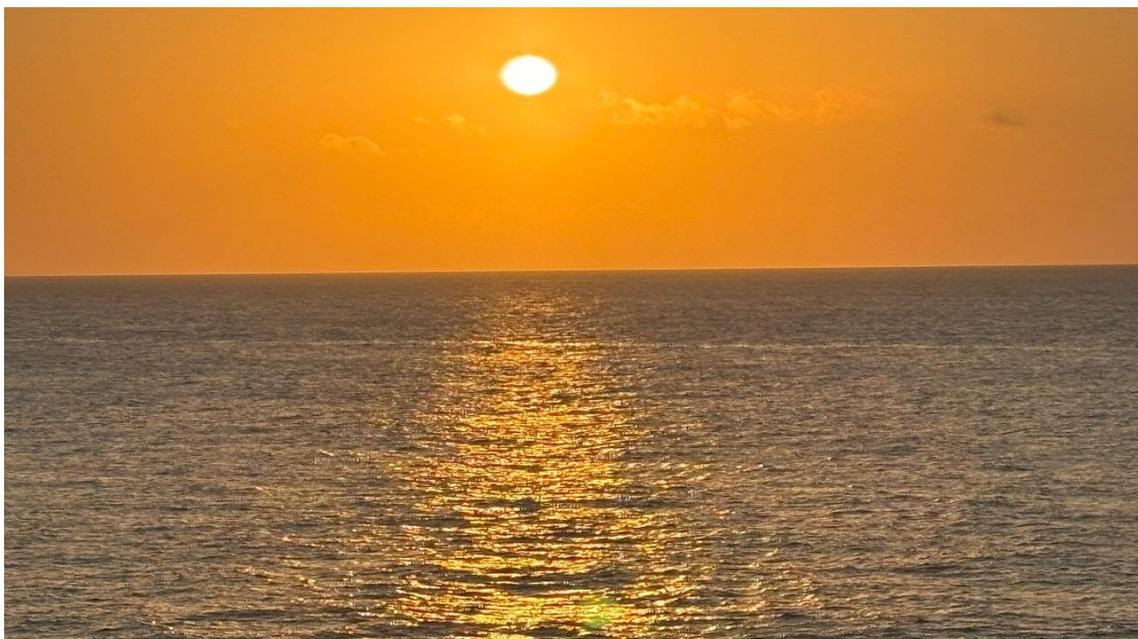


## Cuba: Relato de uma viagem recente



**O pôr do sol no mar do Caribe. Tão belo quanto a bandeira de Cuba, símbolo de amor à liberdade.**



## 1. Introdução

Cheguei em Cuba no dia 30/04, feliz, como sempre que piso o solo da ilha rebelde. No entanto, desta vez, confesso, o coração estava um tanto apertado. O povo cubano enfrenta um período indubitavelmente difícil.

Se o mundo inteiro ainda se recupera economicamente dos efeitos da pandemia de Covid-19, o que dizer de um pequeno país que tem contra si, além disso, um feroz bloqueio econômico, comercial e financeiro?

Tal bloqueio, promovido pelos EUA há décadas, não arrefeceu nem durante a pandemia, quando, pelo contrário, foi cruelmente exacerbado, impedindo a nação socialista de importar até mesmo insumos para vacinas e medicamentos.

Cuba é proibida, pelo bloqueio, de importar qualquer coisa no mundo que tenha a partir de 10% de componente estadunidense, de ter acesso a crédito internacional, de receber navios turísticos (qualquer navio que atraque em porto cubano fica proibido de atracar nos EUA), entre outras barbaridades, como a de perseguir comercialmente toda empresa que invista ou planeje investir em Cuba.

Se não bastasse tudo isso, os EUA ainda financiam com milhões de dólares a subversão interna.

Como se imagina, o povo cubano é duramente atingido e inclusive alguns episódios de demonstrações públicas de protesto foram registrados nos últimos anos. Protestos nos quais o Poder Popular (a expressão organizativa de governo) agiu de imediato, dialogando com a população, mas que foram exaustivamente explorados pelo imperialismo. No entanto, as demonstrações revelam que de fato existe um clima de insatisfação em parte da população.

Teria chegado o dia em que os famosos objetivos expressos em 1960 por Lester D. Mallory, então um alto funcionário do Departamento de Estado dos EUA, seriam enfim alcançados? Em documento oficial, Mallory explicava os objetivos do bloqueio:

*“... A maioria dos cubanos apoia Castro... a única maneira previsível de subtrair o apoio interno é através do desencanto e da insatisfação decorrentes de distúrbios econômicos e dificuldades materiais... devemos usar rapidamente todos os meios possíveis para enfraquecer a vida econômica de Cuba... uma linha de ação que, embora seja o mais disfarçada e discreta possível, alcance o maior progresso em privar Cuba de dinheiro e suprimentos, para reduzir seus recursos financeiros e salários reais, provocar fome, desespero e a derrota do governo”.*

## **2. Chegada e primeiras impressões**

Desembarquei em Cuba na véspera do 1º de maio com a missão de representar o Cebrapaz (Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz), principalmente em três eventos: no Encontro Internacional de Solidariedade a Cuba, no dia 2/5, em Havana; no 8º Seminário Internacional pela Paz e pela Abolição das Bases Estrangeiras, em Guantánamo, nos dias 4 e 5/5 e na Reunião da Regional América do Conselho Mundial da Paz (CMP), em Santiago, no dia 6/5. Meu olhar sobre a realidade cubana era, portanto, um olhar solidário, mas atento, buscando, como se deve, fazer uma *“análise concreta da situação concreta”*.

Enquanto esperava a recepção dos organizadores, na saída do aeroporto, encontrei um camarada da Venezuela que conheci em outras atividades pela América Latina. Enquanto conversávamos, uma senhora se aproximou e pediu um dólar, *“para mis hijos”*. Nada em sua aparência ou em suas roupas revelava que era uma mendiga. Estava vestida corretamente e tinha um rosto de aparência saudável. Mesmo assim, aquilo chamou a atenção. Era minha quarta vez em Cuba e nas vezes anteriores nunca havia visto qualquer sinal de mendigos ou pedintes.

Contrariando um pouco essa primeira impressão, no ônibus a caminho do hotel, noto que Havana não só mudou pouco, desde minha última visita, há dois anos, como em vários aspectos melhorou,

com diversas construções em andamento, inclusive de novos prédios e centros comerciais.

No trânsito ainda se vê os carros antigos das décadas de 1950 e 1960, mas hoje esses velhos “combatentes” já disputam espaço com centenas de veículos elétricos, como motos, triciclos, quadriciclos, muitos deles novos, produzidos por uma parceria sino-cubana que desenvolve um projeto chamado VEDCA (Veículos Elétricos do Caribe).

Ao chegar ao hotel somos orientados a dormir cedo e descansar já que o encontro no lobby, no dia 1º de maio, será às 3 da matina.

### **3. O Primeiro de Maio**

Como se sabe, o dia dos trabalhadores é uma data magna em Cuba e, com efeito, pontualmente às 3 da madrugada todos estão no saguão para um rápido lanche e por volta das 3h40 o ônibus parte para nos deixar em um ponto de onde iremos caminhando até a Avenida Malecón, local do principal ato de primeiro de maio em Havana.

Tradicionalmente, o 1º de maio cubano é uma afirmação explícita de apoio ao socialismo em Cuba e, durante o trajeto do ônibus, minha alma vermelha fica alegre ao ver conjuntos de jovens caminhando, muito antes do sol raiar, em alegre algazarra, rumo à comemoração.

Por toda parte surgem manifestantes, das mais diversas idades, portando bandeiras de Cuba, cartazes com os rostos de Fidel, Chê, Raul e do líder bolchevique Lênin, homenageado pelo centenário de sua morte. Muitos dos cartazes são feitos à mão e proclamam de dezenas de maneiras diferentes a certeza na vitória e a determinação de luta. Porém, o que havia de mais presente, depois da bandeira cubana, eram as referências à Palestina.



*Foto de Ricardo López Hevia*



*Foto de Ricardo López Hevia*

A caminhada até a “tribuna anti-imperialista José Martí” é longa, alegre, e mesmo um coração de pedra se emociona com o heroísmo e a valentia desse povo, que não se deixa abater e chega aos borbotões, esbanjando alegria.

Em todas as regiões do país, foram mais de 4 milhões de cubanos que saíram às ruas para proclamar sua determinação de defender a soberania da pátria e o socialismo.

O ato da Avenida Malécon contou com as presenças do Presidente cubano e primeiro-secretário do Partido Comunista de Cuba, Miguel Díaz-Canel e do líder da revolução, Raúl Castro. O evento começou por volta das 7h e terminou antes das 8h, tendo apenas três falas curtas, entremeadas por apresentações culturais.

Díaz-Canel e Raúl Castro não falaram, pois os cubanos, para ressaltar o caráter de classe da data histórica, colocam costumeiramente como orador principal o secretário-geral da Central de Trabalhadores de Cuba (CTC), cargo atualmente ocupado por Ulises Guilarte de Nacimiento, que expôs francamente as dificuldades enfrentadas pelo trabalhador cubano em seu cotidiano: a queda no poder de compra dos salários e pensões, a falta de acesso a bens de consumo etc., ao mesmo tempo apontando as causas destas dificuldades (*“o bloqueio e nossas próprias insuficiências internas”*) e a determinação de superá-las, assinalando que *“existem boas experiências em todos os territórios do país, demonstrando que é possível alcançar a eficiência produtiva, apesar das limitações de recursos materiais e financeiros. No centro destas boas experiências estão as pessoas, que nos mostram que o material humano é o recurso mais seguro e sólido que temos hoje e que não podemos desperdiçá-lo”*.

Registre-se que em todos os eventos que participei, durante estes dias em Cuba, os dirigentes do partido jamais tapam o sol com a peneira e falam com franqueza sobre os problemas enfrentados pelo povo.

Ao voltarmos para o hotel, depois de uma confraternização com os internacionalistas, na sede principal do Instituto Cubano de Amizade aos Povos (ICAP), encontramos um mendigo. Esse sim, um mendigo clássico, andrajoso, sujo e carregando um saco de plástico nas costas. Não nos pediu nada e saiu caminhando pela rua, onde duas mulheres o abordaram, conversando como velhos conhecidos e as presumíveis amigas pareciam fazer muitas indagações que ele respondia meio acanhado.

Na confraternização do ICAP, fiz amizade com um jovem brasileiro de Santa Catarina que está há 8 meses em Cuba, cursando um doutorado “sanduíche”. Ele me disse que, pelo que percebe, a maioria dos jovens defende a revolução, mas um percentual maior do que ele esperava tem ideias liberais e mostrou o seu celular, onde um amigo cubano da Universidade lhe enviou um meme, bem-feito, com todo o jeito de um trabalho profissional, onde um Alce fitava, triste, um prato vazio com a bandeira de Cuba e os dizeres: “Feliz primeiro desmayo”.

#### **4. Encontro Internacional de Solidariedade a Cuba**

No dia seguinte (2/5) fomos para o Encontro Internacional de Solidariedade a Cuba, que igualmente homenageou Lênin, no Palácio das Convenções. No auditório principal, 1.144 internacionalistas de 58 países, representando 220 organizações, compareceram ao ato, mostrando que Cuba não está só.

A fala principal foi do presidente Miguel Díaz-Canel, que destacou a presença no 1º maio: *“ontem o nosso povo deu uma demonstração de união e disciplina em todos os municípios do país. As condições econômicas obrigaram-nos a celebrar o histórico Dia Internacional dos Trabalhadores com comícios e não com o tradicional e massivo desfile em Havana; mas em quase todas as províncias e municípios, apesar das orientações, houve desfiles. Isto tem muito a ver com fervor revolucionário e foi um dia em que as alegrias foram extraordinárias”*.

Canel colocou como uma prioridade a ampliação da participação popular não só nos debates, mas também na implementação executiva das medidas necessárias para enfrentar a atual situação e atribuiu importância fundamental à solidariedade internacional.

O Brasil não fez feio em número de ativistas, destacando-se, pelo menos em termos de visual, o MST e a CTB. Ao menos dois parlamentares federais, os deputados federais comunistas Márcio Jerry (PCdoB-MA) e Alice Portugal (PCdoB-BA) estiveram presentes. Registro estes camaradas que encontrei na marcha do 1º maio e que

ficaram para o Encontro, mas provavelmente outros parlamentares compareceram.



*Coluna da CTB no primeiro de maio*

Terminada a agenda do dia, chegou o momento de partir rumo à Guantánamo, palco do 8º Seminário Internacional pela Paz e pela Abolição das Bases Estrangeiras.

## **5. O Seminário em Guantánamo**

A distância entre Havana e Guantánamo é de quase mil quilômetros, que são percorridos, pela maioria dos delegados, como foi o meu caso, de ônibus.

Durante todo o trajeto da longa viagem, notávamos a grande quantidade de pequenos comércios e bares. Este tipo de microempreendimento tem sido incentivado pelo governo, como uma das formas de enfrentar a crise de abastecimento. Estávamos, à medida em que nos aproximávamos de Guantánamo, nos aprofundando na parte oriental de Cuba, a mais rural do país, e ainda assim não vimos um mendigo ou coisa parecida, com a exceção de uma parada rápida que o ônibus fez em um hotel para café e ida ao banheiro, onde um homem com roupas rasgadas estava sentado na

beira da calçada, de cabeça baixa, próximo à entrada. Uma companheira da delegação sentou-se ao lado dele para conversar, mas, pelo que entendi, não teve muito sucesso na comunicação.

Com as diversas paradas pelo caminho e um pernoite na gloriosa província de Santa Clara, onde descansa Chê Guevara, chegamos a Guantánamo pouco depois de 00:30 do dia 4/5, sendo recebidos com música e drinques de “Cuba Libre”, mas a festa tinha que ser muito rápida, pois teríamos pouco tempo para descansar.

Às 7h, todos deveriam estar no café, para logo após fazer o credenciamento, participar de uma cerimônia no monumento da Praça Mariana Grajales e iniciar os trabalhos, no auditório de um complexo na própria praça, pontualmente às 9h. Abro um curto parêntese para sugerir que, aqueles que não conhecem, pesquisem e leiam sobre a história extraordinária de Mariana Grajales, uma mulher negra, pioneira na luta pela independência cubana, vale a pena.



*Delegados do Seminário*

O 8º Seminário, promovido pelo ICAP e pelo Conselho Mundial da Paz (CMP) foi representativo, atraindo 80 delegados de 26 países (Argentina, Austrália, Barbados, Brasil, Burundi, Canadá, Chile, Chipre, Colômbia, Cuba, Estados Unidos, Espanha, França, Grécia, Guiana, Itália, Irã, Iraque, Jordânia, Lituânia, México, Noruega, Nicarágua, Palestina, Porto Rico, Serra Leoa, Suécia, Tunísia, Venezuela e Peru).

Os dois dias de debates transcorreram marcados por grande unidade nos temas centrais e elevada riqueza de conteúdo, com os delegados

dos países presentes abordando de forma variada os diversos aspectos da luta anti-imperialista e pela paz.

Nos intervalos, eu buscava, como fiz durante toda a viagem sempre que foi possível, circular pelas ruas e conversar com a população, o que em todas as vezes foi muito gratificante.

As ruas de Guantánamo lembram os bairros do subúrbio da zona norte do Rio de Janeiro, onde cresci, com casas acolhedoras, apesar de modestas.



*Visão de uma Rua em Guantánamo*

O espaço não permite relatar todos os diálogos, então vou detalhar o que considerei mais significativo, que aconteceu durante um intervalo para o almoço, no dia 4/5, com dois cubanos que aproveitavam o sábado na Praça Mariana para colocar a conversa em dia.

Um deles (Anibal Duvergel), com a corrente da chave de casa pendurada no pescoço, puxou assunto comigo enquanto eu fotografava o monumento, e Luis Pineda Perez, seu amigo, entrou no papo.

Os dois ficaram felizes ao saber que eu era do Brasil e contaram em detalhes a construção da praça e do complexo Mariana Grajales nos anos de 1980. Informaram que tudo foi feito com trabalho voluntário, nos quais os dois participaram. Falaram, com visível orgulho, como

era o local e como ficou depois, “*vieram voluntários de todo o país ajudar o povo de Guantánamo na construção*”, disseram.

Anibal e Luis mostraram, como em geral descobrimos ao conversar com cubanos, um grande domínio da realidade internacional. Falaram da Palestina, do crescimento da extrema-direita na América Latina e pediram detalhes sobre a situação no Brasil. Durante minha exposição eles revelaram vivo interesse na atuação de igrejas neopentecostais alinhadas à extrema-direita. Segundo eles, o problema começa a surgir em Cuba. Com efeito, apesar de em Cuba se respeitar totalmente a liberdade religiosa, inclusive com pastores evangélicos participando de correntes de solidariedade com o país, notei a presença maior de espaços dedicados a templos, inclusive com duas igrejas evangélicas em construção ao longo da estrada.

Quando revelei minha preocupação sobre o fenômeno da mendicância em Cuba, eles, para minha surpresa, garantiram que eu só tinha visto mendigos nas proximidades do aeroporto ou dos hotéis (detalhes que eu não havia mencionado). Efetivamente, foi o que ocorreu. Quando confirmei eles riram, informando que era uma nova tática dos mercenários contratados por Washington: pagar pessoas para figurar como mendigos em locais estratégicos que possam passar uma mensagem negativa para o mundo.



*Meus novos amigos cubanos, Anibal e Luis*

Ao conversar com outros cubanos, sem citar a opinião destes meus dois novos amigos, eles também mencionaram essa tática dos mercenários, mas acrescentam que não é apenas isso. A maioria diz que a situação econômica mais difícil exacerba fenômenos como o

alcoolismo, sendo que em alguns casos o alcóolatra é expulso de casa pela própria família.

Entretanto, todos concordam em um ponto, muito enfatizado por Anibal Duvergel e Luis Pineda: por mais difícil que esteja a situação, não existe motivo para mendicância em Cuba, pois a rede de proteção social do governo abrange o conjunto da população.

Anibal e Luis são cidadãos comuns, e como outros com quem conversei, estão ao lado da revolução, que defendem firmemente, expressando a convicção de que o país irá superar o atual momento. A conversa com os dois foi tão boa que cheguei um pouco atrasado para o retorno dos trabalhos.

Os dois dias de trabalho do Seminário resultaram em uma declaração muito abrangente e que deve servir de apoio para a atuação dos internacionalistas anti-imperialistas.

Intitulada: “Um mundo de paz e justiça social é necessário”, o texto, depois de uma introdução informativa e analítica, anuncia os compromissos assumidos pelas organizações e personalidades presentes ao Oitavo Seminário, dos quais destaco os seguintes:

*“– Denunciar as políticas agressivas e intervencionistas do atual Governo dos Estados Unidos e de seus aliados da OTAN, que perseguem o objetivo de dominar o mundo com a ajuda da extensa rede de bases, instalações e enclaves militares existentes, bem como o perigo representado pela incorporação de novos membros a essa organização belicista.*

*– Trabalhar na construção da paz continental, o que implica que, de maneira urgente, Colômbia, Brasil e Argentina abandonem seu status de parceiro global e aliados extra OTAN.*

*– Continuar exigindo a devolução do território ilegalmente ocupado pela Base Naval dos Estados Unidos em Guantánamo, bem como a eliminação da prisão existente.*

*- Incrementar o apoio ao direito legítimo do povo de Cuba na sua luta contra o bloqueio expresso em medidas coercitivas e econômicas unilaterais.*

- *Em relação ao genocídio que está sendo cometido contra o heroico povo palestino pelo estado sionista de Israel em conluio com o imperialismo norte-americano e a União Europeia, os participantes concordam com o seguinte:*

*Uma solução ampla, justa e duradoura para o conflito exige, inexoravelmente, o exercício real do direito inalienável do povo palestino à autodeterminação e à construção de seu próprio Estado Independente e soberano dentro das fronteiras anteriores a 1967, com sua capital em Jerusalém Oriental. Se a Palestina morre, morre a humanidade.*

*A história não perdoará os indiferentes e não estaremos entre eles. É hora de acabar com a filosofia do despojo, do roubo e da exploração, para que a filosofia da guerra pereça por falta de incentivos.”*

[Leia a íntegra da declaração neste link. Neste link leia a íntegra da minha intervenção feita em nome do Cebrapaz.](#)

## **6. Em Caimanera**

Como ocorreu nos seminários anteriores, a Declaração Final é lida para a população, logo que é aprovada, na praça do Parque José Martí, na cidade de Caimanera, conhecida como a “*primeira trincheira anti-imperialista*”, por sua proximidade com a famigerada base naval dos EUA em Guantánamo.

Inclusive, antes da leitura fomos visitar o Hotel Caimanera, que tem um mirante onde se pode ver a base estadunidense com sua bandeira invasora tremulando.

No ônibus que saiu do hotel, vários cubanos pegaram carona em direção à praça para a leitura. Um dos caroneiros, muito sorridente, conversava com os delegados internacionais. Só quando perguntei se ele era de alguma organização social é que fui saber que era o deputado da Assembleia Nacional do Poder Popular (equivalente ao nosso deputado federal) por Caimanera, Luis Angel Tamayo Imbert. Angel é um jovem médico (30 anos), que durante a pandemia foi para a

linha de frente no atendimento à população, tornando-se querido do povo.



*O Deputado da Assembleia Nacional de Cuba, Luis Angel Tamayo Imbert, de boné e camisa verde. Lembra muito a maioria dos parlamentares brasileiros, não acham?*

A apresentação da declaração atraiu, nesta 8ª edição do Seminário, muita gente. A praça estava lotada e em seu palco, com a frase de José Martí, “*Ser culto é o único modo de ser livre*”, ocorreram rápidas apresentações culturais, mas um momento especial foi proporcionado por uma menina, Lisa Lauren Cuza Ruano, aluna do equivalente ao nosso ensino fundamental (crianças “pioneiras”, como são chamadas em Cuba), que leu uma redação de sua autoria tendo como tema a defesa da paz.



*Visão dos dois lados da praça*

Peço que os leitores não espalhem por aí, mas a redação da Lisa foi mais impactante para mim do que nossa declaração oficial. Em boa parte do texto a preocupação da pequena pioneira foi com as crianças palestinas. Não consegui a íntegra do texto, mas anotei o seu final:



*"Nas guerras, são as crianças que mais sofrem. Nenhuma criança deveria ser privada de seus direitos essenciais, como saúde e educação. Vocês, amigos de Cuba que nos acompanham, se unam aos habitantes desta terra para exigir a paz mundial!"*

Lisa foi muito aplaudida, assim como Sara Román Palmesan, da Associação dos Amigos de Cuba na Colômbia, que em nome de todos os delegados, leu a Declaração Final.

As ruas e casas de Caimanera são humildes, mas você não vê as marcas da miséria e da fome em nenhum lugar. Pelo contrário, vê-se por todos os lados, crianças saudáveis, bem tratadas e alimentadas.

Lembro particularmente de uma menina muito bonita, que na praça, vestida de pioneira, ficava perscrutando com seu olhar infantil os membros da delegação internacional, como quem quer saber se estávamos gostando da cerimônia. Quando aplaudíamos, ela abria um largo sorriso e aplaudia mais ainda. Fiz um gesto de positivo em sua direção e ela olhou toda feliz para a sua mãe como quem diz: “você viu, você viu”?

Em seguida, fomos assistir a uma confraternização de rua oferecida pelo Comitê de Defesa da Revolução de Caimanera. Mais uma vez, a calorosa alegria e fraternal amizade do povo cubano nos envolveu.

A amizade e fraternidade do povo cubano nos acompanhou durante todo o tempo. Não esquecerei jamais a cena do ônibus percorrendo as ruas de Caimanera, e nas varandas das casas simples, algumas muito deterioradas, esse povo valente nos saudando, com acenos e beijos jogados à distância. Foi o caso de uma varanda em particular onde uma criança, ainda na primeira infância, no colo do que deveria ser sua avó, mandava beijinhos para o ônibus, gesto repetido pela idosa, ladeada pela menina bonita que citei em um parágrafo anterior. Saudações como essas recebemos até muito longe do local das atividades.

A maioria dos delegados e delegadas se separou nesta ocasião, pois apenas uma parte iria participar da reunião regional América do Conselho Mundial da Paz, no dia 6/5.

## **7. Em Santiago de Cuba para o Encontro Regional do CMP**

Passava das 22h do dia 05/5 quando chegamos a Santiago de Cuba vindos de Caimanera. Santiago é uma cidade belíssima, com ruas e

prédios bem-conservados. No dia seguinte, para manter o padrão, café da manhã às 6h30 pois a agenda estava pesada.

E a agenda do dia 6/5 iniciou com uma visita ao belíssimo Cemitério de Santa Efigênia, onde estão enterrados os próceres da Pátria. José Martí e Carlos Manuel de Cespedes, pais da pátria, Mariana Grajales, mãe da pátria e Fidel Castro, líder da revolução. Assistimos a cerimônia de troca da guarda de honra, que ocorre todos os dias, de meia em meia hora, das 08h às 18h e em seguida fomos chamados a depositar uma flor no túmulo de José Martí.



*Tive a honra de, representando o Cebrapaz, depositar uma flor no túmulo de José Martí*

O simbolismo do amor à pátria é sem dúvida algo que fortalece a unidade do povo em defesa da soberania nacional cubana. Contudo, um momento realmente singular, com grande significado para cada delegado internacional da regional América do CMP foi a visita ao

túmulo de Fidel. Comparado aos outros, é o túmulo mais simples. Foi feito e aprovado pelo próprio comandante, que queria ficar cercado, em seu descanso eterno, pelos pais da pátria e os heróis internacionalistas tombados no exterior, destacando, com a singeleza do seu túmulo, a precedência deles. Mas é justamente esta simplicidade, somada a toda a carga de exemplos e ensinamentos deste herói latino-americano, que fez com que cada um ou cada uma, que ficou em frente ao seu túmulo, sentisse o peso de uma “mística” revolucionária, que toca a todos com uma emoção difícil de descrever.



*Túmulo do comandante Fidel Castro*

Exatamente às 9h30 começamos os trabalhos do Encontro Regional das Américas, sob a liderança de Fernando González Llort, herói da República de Cuba\* e presidente do Instituto Cubano de Amizade com os Povos (entidade coordenadora da Regional América do CMP) e Iraklis Tsvadaris, Secretário Executivo do Conselho Mundial da Paz.

Participaram 24 delegados, quatro cubanos e 20 delegados internacionais representando um total de 12 organizações.

Os debates do encontro regional foram até o fim do dia e resultaram em acordos importantes. Tanto o ICAP quanto o CMP apresentaram balanços da luta anti-imperialista no tempo transcorrido desde a última reunião, no México, em 2023. As organizações presentes fizeram o mesmo, e o texto final da reunião resume assim as principais decisões: *“ratificar a condição de Cuba como Coordenador Regional para as Américas e o Caribe do Conselho Mundial da Paz; promover o respeito à soberania e autodeterminação dos povos; continuar fortalecendo o CMP; continuar condenando o bloqueio econômico, financeiro e comercial imposto pelo imperialismo norte-americano e a inclusão de Cuba na lista espúria de países supostamente patrocinadores do terrorismo”*. O Encontro decidiu aderir aos termos da Declaração aprovada no 8º Seminário Internacional de Guantánamo. [Leia, neste link, a íntegra do texto do encontro.](#)

Depois fizemos um rápido passeio pela cidade, e participamos de um jantar com comida típica oferecido pelo ICAP de Santiago. No dia seguinte nos aguardava a longa viagem de volta para Havana e o conseqüente retorno para os nossos países de origem.

## **8. Viagem de retorno a Havana e Considerações finais**

Na viagem de volta, em três paradas do ônibus, não se pôde tomar café ou comprar nada pois parte da região oriental estava sofrendo novo apagão, fenômeno frequente, que prejudica tudo, principalmente a economia, e foi uma das causas dos protestos que ocorreram, por exemplo, em Santiago, em março deste ano.

Em Havana, antes da viagem de volta ao Brasil, faltou água no hotel, fruto da falta de luz que da mesma forma atingiu parcialmente a capital. Quem não tomou banho cedo viajou sem banho (felizmente, não foi o meu caso) e para piorar, no Aeroporto o ar-condicionado estava quebrado e a temperatura elevada causava grande desconforto, no que alguns “gusanos”, que voltavam para Miami ou

outras localidades, aproveitaram para, discretamente, reclamar do governo.

Os efeitos perniciosos do bloqueio, somados ao abundante financiamento dos mercenários locais a serviço de Washington, não nos permitem alimentar ilusões: Cuba vive uma espécie de novo período especial e a situação é repleta de perigos.

Por outro lado, embora no primeiro período especial a revolução ainda contasse, em plena atividade, com a figura insubstituível de Fidel Castro, a situação era a de um mundo unipolar. A URSS havia acabado, assim como o campo socialista do Leste Europeu. Os EUA estavam vivendo o auge de seu poder mundial e Cuba olhava ao redor e via poucas alternativas. Mesmo assim, com unidade e criatividade, o período especial foi superado.

Hoje, se não temos Fidel, tampouco existe mais o mundo unipolar. Pelo contrário, vivemos em um mundo em que o poder hegemônico dos EUA é cada vez mais contestado e o bloqueio contra a “maior do Caribe” é alvo de repúdio generalizado, inclusive de países integrantes do campo imperialista. Existem perspectivas.

Outro aspecto a salientar é o seguinte, mesmo as dificuldades sendo graves, os que temem que um projeto avançado de construção política e social possa servir de exemplo para o mundo costumam apartar a realidade cubana da realidade da América Latina em geral, com o intuito de superdimensioná-las. No Brasil, 9ª Economia Mundial, país riquíssimo em recursos naturais, que não sofre bloqueios ou sanções, qualquer cidadão que caminhe meia-hora no centro de São Paulo ou do Rio de Janeiro irá ver mais pedintes e pessoas vivendo nas ruas do que todos os mendigos (quatro no total, incluindo a mulher no aeroporto), falsos ou verdadeiros, que encontrei ao atravessar Cuba quase de uma ponta à outra. Isso para citar apenas um ângulo da questão e não falar de saúde, educação, segurança pública etc.

Aos amigos de Cuba de todo o mundo, devemos ficar prevenidos contra os que tentam semear o derrotismo travestido em “preocupações humanitárias” e temos o dever inadiável de fazer da solidariedade com o país uma pauta permanente e efetiva, que vá

além das palavras e dos manifestos, coisas muito importantes, porém insuficientes.

É fundamental pleitear que os governos latino-americanos, no nosso caso o governo brasileiro, fortaleçam os laços econômicos com Cuba e aumentem a pressão contra os EUA visando acabar com o bloqueio.

Uma derrota de Cuba seria um triste sinal de que é impossível, na América Latina, caminhos alternativos de desenvolvimento, sem se submeter ao tacão de Washington. Assim, a defesa de Cuba é a defesa da soberania latino-americana.

Mas o maior motivo para otimismo com o futuro de Cuba e da Revolução vem do próprio povo cubano. Aliás, antes de iniciar a reunião já mencionada do Encontro da Regional América do CMP, realizada no Complexo da Praça da Revolução Antonio Maceo, realizamos um breve tour no complexo, dedicado a este pioneiro da luta pela independência em Cuba.

Tomar contato com a história do major general do Exército de Libertação, Antonio Maceo, filho da legendária Mariana, nos ajuda a entender um pouco a alma desse povo. Maceo esteve três décadas dedicado à luta armada contra o colonizador espanhol. Durante esse período foi atingido por nada menos do que 32 tiros. Sucumbiu, finalmente, em batalha no dia 7 de dezembro de 1896. Uma frase do major general, estampada com destaque no lindíssimo monumento em sua homenagem, explica muito a fibra independentista dos cubanos: *“Quem tentar se apropriar de Cuba, recolherá o pó de seu solo banhado em sangue, se não perecer na luta”*.



As minhas conversas durante a viagem (e não estou falando dos diálogos com dirigentes políticos) revelaram que as pessoas estão conscientes dos desafios, mas dispostas a enfrentá-los em defesa do seu país e do socialismo.

Em suma, volto de Cuba com a certeza renovada de que a Revolução, obra coletiva do povo de Martí e Fidel, seguirá adiante e superará com êxito este novo período especial, abrindo caminho para conquistas ainda mais avançadas.

### **Wevergton Brito Lima – Vice-Presidente do Cebrapaz - Maio de 2024**

*As fotos sem identificação foram tiradas pelo autor do relato*

*\* Fernando González Llorca participou de uma missão de infiltração em grupos que organizavam ataques terroristas contra Cuba desde Miami. Preso e condenado pela justiça dos EUA, ele e seus quatro companheiros (Gerardo Hernández Nordelo, Ramón Labañino Salazar, Antonio Guerrero Rodríguez e René González Sehwerert) receberam do Conselho de Estado, no ano de 2001, quando ainda estavam encarcerados, os títulos de Heróis da República de Cuba. Como prometeu Fidel, por ocasião da prisão dos cinco, todos regressaram à pátria.*